



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Artur Azevedo

O califa da Rua do Sabão



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

O califa da Rua do Sabão

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1880.

Desenho: Augusto Rocha.

Livro Digital nº 517 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O CALIFA DA RUA DO SABÃO
INVEROSSIMILHANÇA LÍRICO-BURLESCA EM UM ATO
IMITADA DE UMA FARSA DE LABICHE



PERSONAGENS:

NATIVIDADE

NEGOCIANTE

CUSTÓDIO (guarda-livros)

O PRIMO (alferes)

JOSÉ (moço de hotel)

JOSEFINA (modista francesa)

DONA SIMPLÍCIA

A ação se passa no Rio de Janeiro. Atualidade.

CENA I

CUSTÓDIO (*só, sentado no divã, de chapéu na cabeça e com as mãos apoiadas num grande guarda-chuva*)

Não sei o que pensar de tudo isto! Ainda ontem era eu guarda-livros em casa do Senhor Natividade, à Rua da Alfândega... quando o patrão que, na véspera, chegara da Turquia, onde tinha ido buscar um bonito sortimento de artigos turcos, pôs-me no olho da rua, pelo simples fato de eu ter deixado cair do nariz no varão, um pequeno pingo de tabaco. (*Erguendo-se*) O Senhor Natividade devia lembrar-lhe que há dezessete anos sou guarda-livros e é o primeiro pingo de tabaco que me cai na escrituração. Verdade seja que há apenas um mês que eu gasto. Não me quis atender o bárbaro! E disse-me com um gesto de Grão-turco: — Saia, Senhor Custódio, saia! Tomei então o meu guarda-chuva e o bonde, e fui para casa desconsolado e murcho! Mas ontem à noite, recebi do meu ex-patrão este misterioso bilhete: (*Lendo*) “Custódio, esteja amanhã às nove horas

da manhã, no quarto andar da casa da Rua do Sabão, número tal. O primeiro que chegar espere pelo outro. Mistério! Mistério!! Mistério!!!" Repito, não sei o que pensar de tudo isto! Aqui estou no quarto andar, fazendo quarto, e como são nove horas e um quarto, e o ex-patrão não aparece, vou pôr os quartos na rua. (*Dispõe-se a sair, quando Natividade entra misteriosamente pelo fundo*)

CENA II

Custódio e Natividade.

DUETINO

NATIVIDADE

Psit! Psit! (3 vezes)

CUSTÓDIO

O patrão! (3 vezes)

NATIVIDADE

Psit! Psit!

Cala a boca,

Pois é pouca

Toda a tua discrição!

CUSTÓDIO

Temos mistério! (*Bis*)

NATIVIDADE

Mas muito sério!

Ninguém deve

Nem de leve

O que vim fazer

Saber!

Psit! Psit!

Mas muito sério.

JUNTOS

Ninguém deve
Nem de leve
o que vim fazer
o que veio
Saber.

NATIVIDADE

Eu tomei três tálburis,
Dobrei mil esquinas,
Abaixei cortinas
E afinal cá estou;
Ai, meu bom Custódio,
Serás surdo e mudo,
Senão lá vai tudo
Quanto Marta fiou!

CUSTÓDIO

Tanto mistério, patrão, patrão,
Trata-se acaso de um crime?... de um crime?...

NATIVIDADE

Adivinhaste: de um crime!

CUSTÓDIO (*querendo desmaiar*)

Segura-me, eu caio
De ventas no chão!

NATIVIDADE

Cala, cala,
Pois é pouca
Toda a tua discrição!

JUNTOS

Ninguém deve
Nem de leve
Saber desta reunião,

Ninguém deve
Nem de leve
Saber desta reunião! reunião! reunião!

CUSTÓDIO (*amedrontado*)
Um crime, patrão!

NATIVIDADE
Silêncio! Um crime, é verdade...

CUSTÓDIO (*correndo*)
Ó da guarda!

NATIVIDADE (*agarrando-o pelo fato*)
Vem cá. Não te precipites! Um crime que não é previsto pelo
Código. Trata pura e simplesmente de trair a minha fé conjugal.

CUSTÓDIO (*repreensivo*)
Oh! patrão!

NATIVIDADE
Que queres? Fraquezas da humanidade.

CUSTÓDIO
E a patroa, a Senhora Dona Simplícia?

NATIVIDADE
Custódio, se és meu amigo, não me fales de Simplícia. Não
imaginas o que é a minha vida privada!

CUSTÓDIO
Deveras?

NATIVIDADE
Já chegamos ao ponto de não nos falarmos senão no dia primeiro,
que é quando caio com os cobres para a despesa da casa... e ainda

assim, sempre acabamos brigando! Resolvi, portanto, fazer outra família à parte.

CUSTÓDIO

Patrão! Patrão!

NATIVIDADE

Foi uma ideia que me ocorreu há dois meses, em Constantinopla. Disse comigo: — Natividade, eis-te na pátria das huris, na terra das formosas escravas.

CUSTÓDIO

Hein? Comprou uma mulher?

NATIVIDADE

Eu nunca fui abolicionista, e há muito tempo desejava realizar esta transação oriental! Vesti-me de turco e dirigi-me...

CUSTÓDIO

A uma casa de comissão.

NATIVIDADE

A um bazar, para efetuar a minha compra. Tomou-me a passagem no caminho um respeitável muçulmano, que me disse em muito bom francês: — *Monsieur, j'ai une occasion magnifique, une circassienne superbe!* Levou-me à sua tenda, bateu três vezes numa portinha, e a formosa Zetublé apareceu, envolvida em gazes!

CUSTÓDIO

Transparentes?

NATIVIDADE

Maganão! Não regateei... O turco pediu-me cinco mil francos: dei-lhe dois mil e quinhentos.

CUSTÓDIO

Barata feira!

NATIVIDADE

Dois mil e quinhentos francos, entenda-se.

CUSTÓDIO

Ah!

NATIVIDADE

E mais três quilos de tabaco de Goiás... Nesse mesmo dia, parti para Marselha com a minha esplêndida cativa. (*Mostrando a porta do primeiro plano à direita*) Ela está ali... naquela alcova... envolvida nos seus gases, quero dizer, nas suas gazes.

CUSTÓDIO

Pode-se entrar?

NATIVIDADE

Maganão! E aqui tens o meu serralho.

CUSTÓDIO

Na Rua do General Câmara!

NATIVIDADE

Antiga do Sabão, é verdade.

CUSTÓDIO

Mas permita uma observação, Senhor Natividade, no Brasil já não há escravas.

NATIVIDADE

E que tem isso?

CUSTÓDIO

Ela é livre, e se quiser passar o pé...

NATIVIDADE

Então eu caio de cavalo magro? Primeiro que tudo, ela não sabe que está no Rio de Janeiro!

CUSTÓDIO

Homessa!

NATIVIDADE

Quando chegamos a Marselha, ela achava-se bastante incomodada pelo enjoo do mar.

CUSTÓDIO

Pobre huri!

NATIVIDADE

Logo no dia seguinte, estávamos a bordo do navio que nos trouxe para cá... Desembarcamos à noite, meti-a num carro fechado, trouxe-a para este quarto andar, fechei a porta, abri aquela janela, e disse-lhe, apontando para o zimbório da Candelária: — Estamos em Túnis! Ali está a grande mesquita...

CUSTÓDIO

Em Túnis! E ela engoliu a pílula?

NATIVIDADE

Ora essa. Se eu lhe dissesse Chapéu d'Uvas, engoli-la-ia da mesma forma. As circassianas não sabem geografia.

CUSTÓDIO (*à parte*)

Este patrão é de força! (*Alto*) Mas o que não vejo, é para quê me mandou chamar! Em que lhe poderei ser útil?

NATIVIDADE

Custódio, tu és um bom velhote. Presta-me toda a atenção. (*Vão sentar-se no divã*)

CUSTÓDIO

Sou todo ouvidos.

NATIVIDADE

Tu, como guarda-livros, és bananeira que já deu cacho.

CUSTÓDIO

Mas...

NATIVIDADE

Pus-te no andar da rua... para dar-te outro emprego.

CUSTÓDIO

Deveras?

NATIVIDADE

Uma sinecura, não te digo mais nada. Casa, comida, cem bagarotes por mês, para não fazer nada.

CUSTÓDIO

Oh! Senhor Natividade! Não sei como lhe agradeça... Mas, que vem a ser o tal emprego?

NATIVIDADE

Meu velho, na Europa é costume fazer uns bonecos de palha, que se colocam nas cerejeiras...

CUSTÓDIO

Sim, senhor, na minha terra chamam-se espantalhos.

NATIVIDADE

É isso mesmo. Discretos ao último ponto, esses manequins são incapazes de tocar nas cerejas, mas espantam os passarinhos que tentam aproximar-se delas.

CUSTÓDIO

Mas não atino...

NATIVIDADE

Vais atinar... Nos serralhos há uma classe de funcionários...
espantalhos, incumbidos de vigiar as cerejas do sultão.

CUSTÓDIO (*levantado-se vivamente*)

Alto lá, não sou de palha!

NATIVIDADE

És o homem que me convém. Tomarás conta do teu novo emprego
hoje mesmo. (*Consultando o relógio*) São dez horas... Começas a
vencer o ordenado.

CUSTÓDIO (*à parte*)

Ora esta, que bonito emprego para um cidadão que ainda gosta de
cerejas!

NATIVIDADE (*abrindo a primeira porta da esquerda*)

É este o teu quarto... Ali encontrarás uma vestimenta de turco, um
alfanje e umas barbas.

CUSTÓDIO

É preciso que eu me disfarce em turco?

NATIVIDADE

Pois se estamos em Túnis!

CUSTÓDIO

Mas se eu não sei uma palavra da língua turca.

NATIVIDADE

Nem eu.

CUSTÓDIO

Nesse caso a Zetublé percebe logo que...

NATIVIDADE

Não percebe tal, ela só sabe o idioma da Circássia. Podes falar-lhe todas as línguas! Ah, é verdade, não te esqueças de que eu me chamo Ben-Cid-Natividade.

CUSTÓDIO

Tem graça, tem... mas eu também precisava de um nome oriental.

NATIVIDADE

Tu chamas-te Omã.

CUSTÓDIO

Custódio Omã! Não soa mal. Custódio Omã.

NATIVIDADE

Vai, vai mudar de fato. Preciso apresentar-te a Zetublé.

CUSTÓDIO (*à porta da esquerda*)

Hein! O meu quarto está cheio de sacos!!

NATIVIDADE

Já disse ao senhorio que mandasse tirar esses sacos de rolhas, aqui deixadas por um sujeito que aqui morou.

CUSTÓDIO

Daqui a pouco levo-as para o corredor. (*Natividade toma-o pela mão, trá-lo ao proscênio e cantam ambos misteriosamente o último motivo do dueto. Cantam*)

NATIVIDADE

Cala, cala,

JUNTOS

Cala a boca, (*bis*)

Pois é pouca

Toda a tua discrição!

Toda a minha discrição!

NATIVIDADE

Psit! Psit!

ninguém deve

JUNTOS

Ninguém deve

Nem de leve

Saber desta reunião, desta reunião, desta reunião.

(Custódio sai pela esquerda)

CENA III

Natividade, depois Josefina.

NATIVIDADE *(consultando o relógio)*

Dez horas e um quarto... São horas de vestir-me de califa. *(Toma a vestimenta que está pendurada e veste por cima de suas roupas. Arma-se com um enorme alfanje. Enquanto se veste)* O bonito é que fiquei de estar com minha mulher, às dez horas, na Rua Direita, ao pé do Correio, para irmos juntos ver uma casa que, durante a minha ausência, ela comprou não sei em que bairro. Ora! Irá com o primo, um primo alferes, que sempre me substitui nestas estopadas. Por isso disse-lhe que fosse ter com ela à Rua Direita... e o rapaz é de uma condescendência, coitado! *(Deitando na cabeça um enorme turbante)* São horas de irmos ter com a nossa fantástica Zetublé! *(Chamando)* Zetublé! Ó Zetublé! Não responde... Chamemo-la com uma serenata bem apaixonada. *(Canta fazendo do alfanje guitarra)*

I

Doce filha da Circássia,

Branca per'la do Oriente,

Vem ouvir a voz plangente

De teu senhor; *(bis)*

Quero estreitar-te em meus braços,

Quero gozar-te as carícias

E as inefáveis delícias

De teu amo! (6 vezes)
Ah!
Ó Zé...Zé...Zé...
Ó Zetublé,
Vem cá,
Vem já,
Vem cá,
Vem fazer-me cafuné!
Ó Zé...Zé...Zé...
Ó Zetublé,
Vem cá,
Vem já,
Vem fazer-me cafuné.
Vem cá,
Vem fazer-me cafuné.

II
Não, não tardes, minha amada,
Circassiana flor bonita,
Que por ti de amor palpita
Meu coração! (*Bis*)
A nívea face mimosa
Quero cobrir-te de beijos,
Vem saciar os desejos
De teu sultão (6 vezes)
Ah!
etc. etc., etc.

(Abre-se a porta da direita e Josefina aparece vestida à circassiana, e envolta num véu) Ei-la. (À parte) É uma estrela! (Alto) Vou fingir que falo turco. (Com um tom de voz muito suave) Hoc opus hic labor est. Taubaté. Guarapuava.

JOSEFINA
Miau trá lá cá dá cá.

NATIVIDADE (*à parte*)

Que idioma! É um regato de mel serpeando suavemente numa planície de veludo! (Alto) *I an very glad, very well! Titire, tu patulé recubans sub tegmine fagi.*

JOSEFINA

Miau trá dá cá dá cá.

NATIVIDADE (*à parte*)

Miau trá dá cá dá cá... Diz sempre a mesma coisa... Isto aposto que significa... Eu te amo. Declaremo-nos. (Alto. Com ímpeto) Ó Estambul! Cabul! Liverpool! (Com explosão) Rio Grande do Sul!

JOSEFINA

Miau trá dá cá dá cá.

NATIVIDADE (*à parte*)

Já amola! Hei de dizer ao Custódio que lhe vá ensinando o português nas horas vagas. Se almoçássemos? Um calicezinho de champanhe talvez... quem sabe? (A Josefina, fazendo gestos de comer) *Usted mangiare!*

JOSEFINA

Cuic! Cuic!

NATIVIDADE (*à parte*)

Ela disse *cuic!* É o *oui* das circassianas! (Consentimento) Ah! Quando me dará o seu *cuic?* Vou ao hotel ali defronte encomendar um almoço. (Sai pelo fundo, fazendo a Josefina sinal que espere)

CENA IV

JOSEFINA (*só*)

Ah! *Voilà un chinois de turc qui me embête.* (Apresentando-se) Josefina Bataille; ex-modista no Rio de Janeiro e ex-artista em Constantinopla. Não sou circassiana, mas *parisienne!* No Rio de Janeiro apaixonei-me por um *garçon d'hotel*: José, o meu José!

Enganada por ele, resolvi expatriar-me. Em Paris, deu-me a mosca e fui para Constantinopla em companhia de uma companhia de *zarzuela-buffe*. Ferraram-nos a mais tremenda pateada. Ficamos todos a tocar leques por bandurra. Mas um dos nossos atores, um espertalhão, descobriu um turco que, tendo de embarcar daí a dias para o Rio de Janeiro, pretendia levar consigo algumas escravas. Disse comigo. Estou arranjada! O homem paga-me a passagem, e logo que chegarmos ao Rio de Janeiro, tomo às de vila-diogo. Agradei-lhe, e ele comprou-me por dois mil e quinhentos francos, que embolsei. Embarcamos.... chegamos... e, no momento em que eu me dispunha a passar-lhe o pé, abre esta janela, diz-me: — Estamos em Túnis! O animal mudará de resolução? Estamos em Túnis, debaixo do pavilhão maometano, e pela lei, sou sua escrava! Que posição! E o diabo é que o diabo torna-se exigente como o diabo! Já começa a agitar o lenço. (*Remonta*)

CENA V

Josefina, Custódio, depois Natividade.

CUSTÓDIO (*entra pela primeira porta da esquerda. Está vestido de turco, grande e alto toucado de eunuco. Não traz barbas. Um grande sabre, chinelas turcas*)

Esta roupa é quente como os demônios, e este chanfalho é muito incômodo.

JOSEFINA (*à parte*)

Olá! outro turco... Algum amigo.

CUSTÓDIO (*à parte*)

A sultana! Oh! que é esplêndida e robusta. Aí está, é das mulheres que aprecio.

JOSEFINA (*à parte*)

Como é feio!

CUSTÓDIO (*à parte*)

Vou fingir que falo turco. (*Aproximando-se dela, e cumprimenta, dizendo*) Trum, trum, trum!

JOSEFINA (*à parte*)
Que estará ele dizendo?

CUSTÓDIO (*à parte*)
Decididamente inda gosto de cerejas! (*Fazendo festas a Zetublê*) Trum, trum, trum!

JOSEFINA
Que tipo. Ah! *Mais est-ce qu 'il ne va pas finir ce vieux débardeur.*

NATIVIDADE (*entrando pelo fundo. À parte*)
Está encomendado o almoço. (*Alto a Custódio*) Omar, vil escravo!
Aproxima-te!

CUSTÓDIO (*que tem tomado a extrema, aproximando-se*)
Aqui estou, grandeza do sol!

NATIVIDADE (*indicando-lhe o fundo*)
Vai para a sala dos eunucos.

CUSTÓDIO (*à parte*)
Para o corredor.

NATIVIDADE
De cimitarra em punho! Degolarás todo aquele ou aquela que pretenda entrar ou sair!

JOSEFINA (*à parte*)
Saprelotte.

NATIVIDADE
Estás nomeado eunuco-mor do harém!

JOSEFINA (*à parte*)

Eunuco? (*Alto*) Isto é demais!

NATIVIDADE e CUSTÓDIO

Hein?!

NATIVIDADE

Ela fala português!

CUSTÓDIO

Mas tem sotaque turco.

NATIVIDADE

Ah! aqui vão se passar coisas extraordinárias. (*A Custódio*) Retira-te e retira da bainya a tua cimitarra. (*Cantam*)

JUNTOS

NATIVIDADE

Ela disse: isto é demais,
Ela falou português!
Explicar-me a coisa vais
Em minutos dois ou três! (*Bis*)

CUSTÓDIO

Ela disse: isto é demais,
Ela falou português!
A pequena é das tais,
Hei de ter a minha vez! (*Bis*)

JOSEFINA

Sim, eu disse: isto é demais,
Sim que falo português!
E se daqui saio, jamais
No Oriente ponho os pés! (*Bis*)

(*Repetem 3 vezes; na 3^a duas, vezes. Custódia sai*)

CENA VI
Natividade e Josefina.

NATIVIDADE

Fala! Quem tem ensinou a falar a língua de Camões?

JOSEFINA

Foi meu pai, que esteve muitos anos em Portugal.

NATIVIDADE

Pois ainda bem, assim nos poderemos entender melhor.

JOSEFINA

Quero pedir-te dois favores, trono de esplendor! pirâmide de sabedoria!

NATIVIDADE

Fala, andorinha de minha primavera!

JOSEFINA

Dispensa o eunuco.

NATIVIDADE

O meu fiel Omar! E depois?

JOSEFINA

Empresta-me uns cobres para ir comprar um par de ligas?

NATIVIDADE

Queres sair?! Pela couraça de Maomé! Proíbo-te!

JOSEFINA

Então hei de levar todo o santo dia metida entre estas quatro paredes?

NATIVIDADE

Recalcitras?

JOSEFINA

Recalcitro!

NATIVIDADE

Vou mandar-te açoitar!

JOSEFINA

Não, não! Já cá não está quem falou!

NATIVIDADE (*à parte*)

Hein! o que é a mulher no Oriente! (*Alto*) Pois não sabes, ó desgraçada, que se um homem se atrever a olhar para ti, estou no meu direito de degolá-lo?

JOSEFINA

Oh!

NATIVIDADE

E de coser-te ali num saco, como um macaco, um galo, uma serpente, e um coelho e de lançar-te ao mar! Hum!

JOSEFINA (*à parte*)

Ora esta!

NATIVIDADE

Agora sorri!

JOSEFINA

Mas...

NATIVIDADE

Ordeno-te que sorrias!

JOSEFINA (*sorrindo*)

Pronto!

NATIVIDADE

Ah! Ah!

CENA VII

Os mesmos e Custódio.

CUSTÓDIO (*entrando pelo fundo, de cimitarra em punho*)

Montanha de cortesia!

NATIVIDADE

Que há?

CUSTÓDIO (*baixo*)

O inquilino do terceiro andar diz que está aí a nova proprietária, que vem examinar o prédio.

NATIVIDADE (*a Josefina*)

É o cádi que me vem visitar... Vai para o teu quarto.

JOSEFINA

Obedeço, cornija da abóbada celeste. (*Sai pela direita, primeiro plano*)

CENA VIII

Natividade, Custódio, depois Simplícia e o primo alferes.

ALFERES (*dentro*)

A casa é bem boa!

SIMPLÍCIA (*dentro*)

Construção muito sólida!

NATIVIDADE (*que subiu, olhando para o fundo*)

Céus! Minha mulher!

CUSTÓDIO

A patroa!

NATIVIDADE

Com o primo alferes.

CUSTÓDIO

Vão ver-nos vestidos de turcos! Onde nos devemos meter?

NATIVIDADE

Prudência! Estas vestimentas podem salvar-nos! (*Fazendo Custódio sentar-se à turca no divã da esquerda*) Senta-te aí... cruza as pernas... fuma neste cachimbo! (*Dá-lhe um grande cachimbo turco, que vai tirar do cabide*)

CUSTÓDIO

Mas eu não fumo. O tabaco faz-me mal!...

NATIVIDADE

Tanto melhor! (*Sentando-se num coxim, do outro lado*) E eu aqui... e bico! (*Cruza as pernas e acende um cachimbo. Simplícia aparece ao fundo, seguida pelo primo alferes, que está fardado*)

QUARTETO

SIMPLÍCIA

Olé? dois turcos! dois!

ALFERES

Dois turcos, é verdade!

SIMPLÍCIA

Isto pra mim é novidade!

Eu não sabia que os meus inquilinos

Fossem turcos!

ALFERES

São turcos genuínos!

(Juntos)

SIMPLÍCIA e ALFERES

Oh! que tipos

Que tipões,

Me parecem

Dois sultões. *(Bis)*

CUSTÓDIO e NATIVIDADE

Para ver-me

Nos sertões,

Dava agora

Dez tostões. *(Bis)*

SIMPLÍCIA *(aproxima-se)*

Sou sua senhoria!

NATIVIDADE *(falando)*

Mamamut, mamamut, mamamut!

ALFERES

Jesus! Que algaravia.

NATIVIDADE

Trombuctu, trombuctu. *(Bis)*

SIMPLÍCIA

Não sabem português.

ALFERES

Talvez saibam francês...

Elle est la propriétaire.

CUSTÓDIO

Mmamut, mamamut, mamamut, mamamut.

SIMPLÍCIA

Nous ne pouvons rien faire!

CUSTÓDIO

Tombuctu, tombuctu, tombuctu, tombuctu!

ALFERES

Não sabem o francês.

SIMPLÍCIA

Inglês sabem talvez.

I am the proprietary.

NATIVIDADE

Mamamut, mamamut, mamamut!

ALFERES

Não sabe o que é *proprietary!*

CUSTÓDIO e NATIVIDADE

Tombuctu, tombuctu, tombuctu!

TODOS

Mamamut!

Tombuctu!

SIMPLÍCIA e ALFERES

Mamamut, tombuctu,

Mamamut, tombuctu,

Mamamut, tombuctu,

Tom, tom, tom, tombuctu!

CUSTÓDIO e NATIVIDADE

É língua de zulu,

Mamamut, tombuctu;

É língua de zulu,

É língua de zulu!

ALFERES

Não sabem português... podemos falar sem receio. Prima Simplícia, eu continuo a amá-la com todas as forças de minha alma!

CUSTÓDIO e NATIVIDADE

Hein?

ALFERES e SIMPLÍCIA (*voltando-se*)

O que é?

NATIVIDADE

Mamamut!

CUSTÓDIO

Tombuctu!

ALFERES

Lembra-se daquela vez... seu marido estava na Europa... em que jantamos juntos no Bragança, em *tête-à-tête*... num gabinete que dava para a Rua do Cano?

SIMPLÍCIA

Cale-se.

NATIVIDADE (*à parte*)

E esta?

ALFERES

À sobremesa, a prima Simplícia sempre vigorosa, não me quis atender; pôs a capa e o chapéu e...

SIMPLÍCIA

Tinha-me esquecido de fechar as gavetas, e não me fio em criados.

NATIVIDADE (*à parte*)

Felizmente.

ALFERES

Para a outra vez não se esqueça de fechar as gavetas sim, prima Simplícia?

SIMPLÍCIA

Cale-se!

ALFERES

Outro cálice! A prima Simplícia está hoje inesgotável! (*Beija-lhe a mão*)

NATIVIDADE

Mamamut! Mamamut!

CUSTÓDIO

Tombuctu! Tombuctu!

SIMPLÍCIA

Que tipos, vamos ver o resto da casa.

ALFERES

Às suas ordens, prima Simplícia. (*Dirigindo-se à porta da direita*) Uma alcova... Oh!...

SIMPLÍCIA

O que foi?

ALFERES (*disfarçando*)

Nada! Apertei o dedo na porta! (*À parte*) Uma odalisca! Um harém ali dentro!

SIMPLÍCIA (*que tem pegado na bengala de Natividade, dá-lhe com ela*)

Ah!

ALFERES

O que é?

SIMPLÍCIA

Nada! (*À parte*) Dir-se-ia a bengala de meu marido! Hei de cá voltar...

ALFERES (*à parte*)

Vou e volto!

SIMPLÍCIA

Vamos, primo alres?

ALFERES

Às suas ordens, prima Simplícia. (*Saem*)

CENA IX

Natividade, Custódio, depois José.

NATIVIDADE (*levantando-se*)

Foram-se.

CUSTÓDIO (*idem*)

Há muito tempo. Já estou tonto de tanto fumar!

NATIVIDADE

Instalei Zetublé na casa que minha mulher comprou na minha ausência. Amanhã mudamo-nos.

CUSTÓDIO

E o priminho a fazer o seu pé-de-alferes!

NATIVIDADE (*muito sério*)

Custódio, eu não sou homem de preconceitos... mas vou fechar a porta ao tal priminho. (*Entra pelo fundo José, vestido de moço de restaurante, com um almoço servido numa mesinha, deixando ficar perto da porta da esquerda uma cesta com vinho*)

NATIVIDADE

Ah! bem, bem! (*Chamando*) Zetublé, Zetublé!

CENA X

Os mesmos e Zetublé.

ZETUBLÉ (*entrando*)

Chamou-me!

NATIVIDADE

Para almoçarmos.

JOSÉ (*a Natividade*)

Não deseja mais nada?

JOSEFINA (*à parte*)

Ah! meu Deus! esta voz! (*Reconhecendo*) José?!

JOSÉ (*à parte, estupefato*)

Josefina!

NATIVIDADE

O que tem você, homem?

JOSÉ (*palpitante*)

Nada!

NATIVIDADE

Então, deixe-nos. (*Sai José pelo fundo, olhando para Josefina*)

JOSEFINA (*à parte*)

José em Túnis!

NATIVIDADE (*a Josefina*)

Senta-te à minha direita. (*Sentam-se à mesa*)

CUSTÓDIO (*procurando lugar para sentar-se*)

E então eu?

JOSEFINA (*dando-lhe o prato de arroz*)

Tome; vá para o seu quarto.

CUSTÓDIO (*consigo*)

Vá lá! cá levo o champanhe para digerir o arroz. (*Toma, sem ser visto, um cesto de garrafas, que José tem posto, ao entrar, perto da porta da esquerda, primeiro plano. Sai por essa porta*).

CENA XI

Natividade, Josefina, depois José.

NATIVIDADE

Finalmente estamos sós... sozinhos!

JOSEFINA

É verdade. (*À parte*) Como é feio!

NATIVIDADE (*com ímpeto*)

Ó Zé, Zé!

JOSEFINA (*friamente, erguendo-se*)

O que há?!

NATIVIDADE (*acompanhando-a*)

Fala-me, dize-me coisas açucaradas... Canta-me uma cantiga da tua terra!

JOSEFINA

Ah! quer que lhe cante uma cantiga! Então lá vai! *Os dois pombinhos.*
(*À parte*) Vou impingir-lhe um *couplet* do repertório da *ópera-bouffe*.

NATIVIDADE

Vamos lá.

I

JOSEFINA

Conheci dois namorados,
Cada qual o mais discreto,
Quem os via tão chegados
Invejava aquele afeto.

A trocaram mil carinhos, mil carinhos,
Pareciam dois pombinhos, dois pombinhos!
E até diziam
Que assim faziam. (*Bis*)

JOSEFINA
Quando sozinhos,
(*Rolando*)
Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!

NATIVIDADE
Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!

JOSEFINA
Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!

NATIVIDADE
Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu!

JOSEFINA
Pombo gentil, gentil pombinha,
Hás de ser meu, há de ser minha!
Hás de ser meu!

II
Mas depois de bem casados,
Adeus, minhas encomendas!
Eram só por seus pecados,
Discussões e mil contendas,
Dele um murro, dela um soco
Não ficava sem ter troco,
E, assim diziam,
Já não faziam (*bis*)
Muito nem pouco!
Ru... ru...
etc., etc., etc.

NATIVIDADE (*tomando-a pela cintura com explosão*)

Ó Zé, ó Zé, ó Zé, ó Zetublé!

JOSÉ (*aparecendo ao fundo*)

O senhor chamou?

NATIVIDADE

Vai-te embora, garçom! Não me esfries a cena!

JOSÉ

Parece-me que tinha ouvido: Ó Zé! (*Sai*)

JOSEFINA (*à parte*)

E nunca foi tão bonito!

NATIVIDADE

Em que pensas?

JOSEFINA (*sentando-se à mesa*)

Penso que... que estou com o estômago a dar horas.

NATIVIDADE (*à parte, sentando-se*)

Pois, senhores, a pequena fala o português como Fernão Mendes Pinto. (*Com explosão*) Ó Zé... tublé!

JOSEFINA

Quieto!

JOSÉ (*entrando*)

O senhor chamou?

NATIVIDADE

Deixa-nos, por Maomé. (*José sai*) Este garçom é insuportável! Huri do meu coração, uma taça de champanhe, vai?

JOSEFINA

Duas ou três, se quiser.

NATIVIDADE (*procurando as garrafas*)
Ora esta! Onde diabo está o champanhe?

JOSEFINA
Chame o garçom.

NATIVIDADE
Qual garçom! Estou farto do tal garçom! Provavelmente Omar levou as garrafas para o seu quarto! Vou buscá-las. Volto já!
(*Enviando-lhe um beijo*) Volto já!... (*Entra no quarto de Custódio*)

CENA XII

Josefina, José, depois Natividade.

JOSÉ (*aparecendo*)
O senhor chamou?

JOSEFINA
José!!

JOSÉ
Josefina! Estás só?

JOSEFINA
Oh! leva-me daqui! leva-me daqui!

JOSÉ
Para onde?

JOSEFINA
Para onde quiseres! Para o inferno! Ainda me amas?

JOSÉ
Oh! sempre! (*Ajoelha-se-lhe aos pés. Natividade entra*)

NATIVIDADE

Aqui está o champ... (*Vendo-os, com um grito*) Oh! (*Arrolha o champanhe que salta com a explosão*)

TERCETINO

NATIVIDADE

Que vejo! (*Bis*)

JOSEFINA e JOSÉ

Nós fomos apanhados

Co'a boca na botija!

NATIVIDADE (*puxa o alfanje*)

Oh! desgraçados,

É natural que disto explicação exija!

Por Maomé!

JOSEFINA (*protegendo José*)

José! Meu José!

NATIVIDADE (*avançando para eles*)

Zetublé!

JOSÉ

Zetublé!

Eu não me posso ter em pé!

JOSEFINA

Meu José, meu José!

Dá neste turco um pontapé!

NATIVIDADE

Maomé! (*Bis*)

Eu vou matar este José!

(A Josefina)

Sem mais demora,

Para o meu quarto

Vá senhora.

(Empurra Josefina para o quarto, depois avança para José. Tragicamente)

E nós, agora!...

(Vai como que cantar uma grande ária, avançando para José, que se defende, levantando a mesa. A orquestra para subitamente interrompendo o ritornello da ária, que deve ser a Tosca)

CENA XIII

Natividade, José, depois Custódio.

NATIVIDADE *(muito calmo)*

Não sejas tolo... não te quero mal... *(Dando-lhe uma nota)* Aqui tens cinco bagarotes.

JOSÉ *(admirado)*

Não percebo...

NATIVIDADE

Solta um grande grito... Assim como se te estivessem matando!

JOSÉ

Está doido?

NATIVIDADE

Solta um grito! *(Lembrando-se)* Ah! espera lá! *(Dá-lhe um pontapé. José solta um grito e foge pelo fundo)* Pronto!

CUSTÓDIO *(entrando com um grande saco às costas)*

Cá vou deitar no corredor o primeiro saco de rolhas!

CENA XIV

Os mesmos e Josefina.

JOSEFINA

Ouvi um grito... *Mon Josef!*... (*Vendo o saco às costas de Custódio, solta um grito de pavor*) Ah! ele está naquele saco! Assassinado! (*Custódio tem saído pelo fundo*)

NATIVIDADE

Fiz justiça! (*Para fora*) Omar, manda lançar esse cadáver ao mar!

JOSEFINA

Assassino! Malvado! Odeio-te! Detesto-te!

NATIVIDADE (*tomando-a pela cintura*)

Façamos as pazes, louquinha!

JOSEFINA

Não te aproximes de mim. Eu mordo-te!

NATIVIDADE

Fica assim! És sublime nas tuas fúrias! (*Excitando-a*) Kis! Kis, enfurece-te mais, de vez em quando hei de mandar matar um garçom, para te ver assim furiosa! (*Com graça*) Até logo, alma da minha vida, até logo! (*Sai pela direita*)

CENA XV

Josefina, depois o Alferes.

JOSEFINA

Oh! *Jé comprendo Judith et Olofernes!*

ALFERES (*entrando cautelosamente*)

Entrei pela outra porta, de que tenho uma chave! Oh! a sultana...

JOSEFINA (*à parte*)

Um militar!

ALFERES

Fala português?

JOSEFINA

Falo! (*À parte*) Aqui em Túnis, muito se fala o português!

ALFERES (*caindo-lhe aos pés*)

Nesse caso, amo-a!

JOSEFINA

Senhor!

ALFERES (*com volubilidade*)

Eu nunca tinha visto sultana senão nas mágicas... Desde a primeira vez que tive a ventura suprema de vê-la, senti circular-me nas veias um fogo estranho, eu...

JOSEFINA (*atalhando*)

Desgraçado, pois não sabe?

ALFERES

O quê?

JOSEFINA

Nessa casa corta-se a cabeça a um homem...

ALFERES

Virgem Maria!...

JOSEFINA

...com a mesma facilidade com que a uma galinha!

ALFERES

Valha-me Deus! (*Cai sentado. Natividade e Custódio, que aparecem, soltam ambos um grande grito ao dar com ele. Forte na orquestra. O alferes foge pela esquerda, primeiro plano*)

CENA XVI

Josefina, Natividade e Custódio.

NATIVIDADE (*solene*)

Omar?

CUSTÓDIO

Patrão! (*Emendando*) Ben-Cid-Natividade?

NATIVIDADE

Desembainha o teu alfanje, vai ao encalço desse alferes, e corta-lhe a cabeça.

CUSTÓDIO

Sim, fonte de suavidade! (*Sai pela esquerda, primeiro plano*)

JOSEFINA

Perdão, perdão para ele! Eu não o conheço! Juro-lhe que está inocente!

NATIVIDADE

Pelo bigode do Profeta. Não o defendas, mulher! (*Custódio reaparece com outro saco às costas e sai pelo fundo*) Ali vai o saco do alferes.

JOSEFINA (*com um grito*)

Outro! Dois homens perderam a cabeça por meu respeito. (*Vai desmaiar. Natividade sustém-na*)

NATIVIDADE

Como és bela assim! Deixo-te entregue às tuas reflexões... Mas pelo umbigo de Maomé! Não recebas visitas, se é que a espécie humana

te merece alguma consideração! Vai encomendar mais sacos! (*Sai pelo fundo e fecha a porta. Simplícia aparece no segundo plano, esquerda*)

CENA XVII

Josefina e Simplícia.

JOSEFINA

Estamos num belo país, não há que ver.

SIMPLÍCIA (*à parte*)

Aqui anda coisa... Aquela bengala!

JOSEFINA

Uma senhora!

SIMPLÍCIA

Uma turca! Josefina, que foi minha costureira!

JOSEFINA

Oh! Uma freguesa fluminense! E esta!

SIMPLÍCIA

Que faz você aqui? E assim vestida?

JOSEFINA

Estou em poder de dois tigres... dois turcos! dois degoladores!

SIMPLÍCIA

Meu Deus!

JOSEFINA

Salve-me, madama, salve-me das garras de Ben-Cid-Natividade!

SIMPLÍCIA

Hein? ! Chama-se Natividade?

JOSEFINA
E o outro Custódio... Custódio Omar.

SIMPLÍCIA
O guarda-livros.

JOSEFINA
Não é essa precisamente a sua profissão!

SIMPLÍCIA
Ah! desavergonhados! tratantes... Sossegue, que arrancá-la-ei ao jugo dos seus algozes! Ouvi rumor, esconda-me... esconda-me, que ele vai ver o bom e o bonito!

JOSEFINA
No meu quarto, ali...

SIMPLÍCIA
Nem uma palavra, e conte comigo! Ah! Maroto! (*Entra no quarto de Josefina*)

JOSEFINA
Mas como diabo...

CENA XVIII

Josefina, José, depois o Alferes.

JOSÉ
Psit! Psit, Josefina,
Aqui estou, mulher divina!
Pois que adorar-te é meu fraco.

JOSEFINA
Pois não estás no sacco?

ALFERES (*aparecendo*)
Psit! Psit, ó menina!
Aqui estou, huri divina!
Pois adorar-te é meu forte!

JOSEFINA
Também escapou à morte?
(*Assustando-se*)
Escondam-se!

ALFERES e JOSÉ
Oh! (*Desaparecem ambos, forte na orquestra*)

JOSEFINA
Vivants tous deux, ces farceurs de turcs m'ont fait poser! (*Entra Custódio um pouco embriagado*)

CENA XIX

Josefina, Custódio, depois Natividade.

CUSTÓDIO
O champanha é bom, mas é velhaco. Fiz como o patrão, tomei uma turca. (*A Josefina*) Meu amo, o décimo terceiro raio do sol, mandou dizer a vossemecê que... (*Procurando lembrar-se*) O que diabo mandou ele dizer? Ora esta?

JOSEFINA
Durma um pouquinho.

CUSTÓDIO
Isso não! Não posso dormir ao pé de um prato de cerejas.

JOSEFINA
Pobre turco!

CUSTÓDIO (*à parte*)

É esplêndida! (*Toma-lhe a mão e beija-a*) Tombuctu! Tombuctu!

JOSEFINA

O quê? Ah! Quer a outra! (*Dá-lhe a outra mão. Custódio beija-a*) Pobre mamamuth!...

NATIVIDADE (*entra pelo fundo com o turbante enviesado*)

Não sei o que tenho... Eu não sou turco, mas também parece-me que não estou lá muito cristão! (*Alto*) Omar, sola dos meus sapatos! (*Toma-lhe o braço e encostam-se um ao outro rindo*) Que a minha vontade seja a tua lei! (*Tirando um lenço da algibeira*) Chegou o momento. Leva esta mensagem à sultana!

JOSEFINA (*à parte*)

Rigri... et demande l'addition!

CUSTÓDIO (*à parte, com o lenço na mão, aproximando-se de Josefina, a cambalear*)

Estou com vontade de lhe dar também o meu. (*Tira da algibeira um lenço de tabaco e, dobrando o joelho, apresenta os dois lenços a Josefina*) Branca filha da branca Circássia... aceita este testemunho da consideração e respeito com que somos... de vossa senhoria... atentos, veneradores e criados...

JOSEFINA

Dois lenços! eu não estou endefluxada!

NATIVIDADE (*aproximando-se desta com amor*)

Preciso dizer-te tantas coisas?!

JOSEFINA

Permite, grande luz, que eu vá vestir os meus vestidos de gala.

NATIVIDADE

Que te acompanhem as graças e te conduzam amores. Tens três minutos para mudar a fatiota. (*Josefina sai pela direita média*)

CENA XX

Natividade e Custódio.

CUSTÓDIO

É pena que o patrão só tivesse comprado uma.

NATIVIDADE

Omar!

CUSTÓDIO (*sem dar-lhe ouvidos*)

Se ele ma quisesse ceder pelo custo...

NATIVIDADE

Omar!...

CUSTÓDIO

Patrão!...

NATIVIDADE

Inunda-me de perfumes. Quero embriagá-la.

CUSTÓDIO

Perfumes? Então, com licença: vou até os *Dois Oceanos*.

NATIVIDADE

Quais *Dois Oceanos*! Toma! (*Tira da algibeira dois vidros de perfumarias*)

Derrama-me essas águas nos cabelos... no pescoço...

CUSTÓDIO

Eu também sou filho de Deus! (*Derrama um vidro sobre Natividade e outro sobre si*)

NATIVIDADE

Derrama... Nos olhos não, desgraçado! (*Tendo-se acabado a perfumaria, derrama Custódio sobre Natividade o champanha de uma garrafa que trouxe debaixo do braço*)

CUSTÓDIO

Acabou-se! (*Desfaz-se da garrafa e dos vidros*)

NATIVIDADE

Escravo, é a festa dos mirtos! Vai buscar a formosa Zetublé.

CENA XXI

Natividade, Custódio, Dona Simplícia, depois José, o Alferes e Zetublé.

(*Música na orquestra. Dona Simplícia aparece vestida de circassiana e com o rosto coberto por um véu. Custódio toma-a pela mão, eleva-a solenemente para junto de Natividade*)

NATIVIDADE

Aproxima-te, sol das minhas noites! (*Beija-lhe a mão*)

CUSTÓDIO (*beijando-lhe a outra mão*)

Lua dos meus dias.

SIMPLÍCIA (*afastando o véu*)

Vocês são dois patifes!

NATIVIDADE (*recuando*)

Minha mulher!

CUSTÓDIO

A patroa! (*Josefina, Alferes e José apareceram*)

SIMPLÍCIA (*tirando um lenço do bolso*)

Então foi para isto que lhe marquei duas dúzias de lenços. (*A Josefina*) Venha, Josefina!

NATIVIDADE

Josefina!

SIMPLÍCIA

Minha ex-modista.

NATIVIDADE

Pois não é circassiana?

JOSEFINA

Parisiense!

NATIVIDADE

Parisiense. Passe já para cá os meus dois mil e quinhentos francos.

SIMPLÍCIA

É o seu dote, porque vai casar.

JOSÉ (*tomando a mão de Josefina*)

Comigo. Ah! Eu já estava para atirar-me (*Aponta para a janela*) ali do zimbório da Candelária abaixo.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com